Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 779

20 DE AGOSTO DE 1900

Redacção – Atelier de gravura – Administração

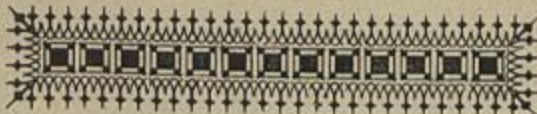
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe. e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

S. M. A RAINHA HELENA

S. M. O REI VICTOR EMMANUEL III

OS NOVOS REIS DE ITALIA

CHRONICA OCCIDENTAL

Ainda a proposito de tristezas: Morreu Eça de Queiroz.

Voam como os morcegos as noticias más. Horas depois de recebido pelo governo o telegramma que lhe fôra enviado pelo sr. Thomaz Rosa, ministro de Portugal em Paris, a nova triste enchia de luto a cidade.

Egual desgosto ha de sentir-se em toda a parte, onde seja falada a lingua portugueza e o nome do eminente romancista for portanto dos mais respeitados e bemquistos entre os maiores dos escriptores.

Deve logo ter o telegrapho communicado para o Brazil a nova cruel e decerto, a esta hora, mais uma vez, os povos, que tantas leguas de Oceano separam, se acham irmanados por um mesmo sentimento, infelizmente tão doloroso.

Falando-se, ha poucos dias, em varios nomes dos que poderiam representar Portugal junto do presidente dos Estados Unidos do Brazil, e alguem lembrando n'essa occasião o nome glorioso de Eça de Queiroz, um brazileiro que estava no grupo exclamou: Seria uma viagem triumphal desde o primeiro porto da republica, onde o vapor arribasse!

Eça de Queiroz estava ás portas da morte. A viagem á Suissa, onde devia ir acompanhado pelo seu fiel amigo e companheiro de glorias, Ramalho Ortigão, não era mais do que uma gotta d'orvalho n'uma falsa esperança, dando um nadinha de luz aos ultimos dias de um moribundo. Estava ás portas da morte e ainda os amigos, os admiradores, todos, sonhavam para elle, condemnado havia muito, ainda mais um triumpho, ainda longos dias de vida; sonhavam ainda a creação de novas obras, sequiosos de mais uns instantes de requintado prazer espiritual.

Eça de Queiroz esteve, ha tempos, em Lisboa. Parecia um espectro. Tinha uma pallidez assustadora, a bocca descahida, as costas arqueadas. Os olhos muito encovados, que tanto souberam ver, lembravam a descripção que o Telmo Paes faz d'aquelle olho de Camões, que valia por dois, quando encontrou o grande poeta dos *Lusiadas* defronte do arco de S. Domingos, dias antes da sua morte. Cantavam os frades lá dentro da egreja. Quantas vezes os não ouviria Eça de Queiroz cantar, nas extraordinarias resurreições, que eram um dos poderes geniaes do seu espirito altissimo, agora que com tão artistico amor se enfronhára nos velhos livros mysticos e com tanto enthusiasmo falava das lendas da edade media, do seu S. Christovam, do bruxo S. Frei Gil!

Que envergadura lhe não havia de ter dado á fantasia, uma de suas especialissimas qualidades, todos esses cartapacios amorosamente folheados, onde dormem chrysalidas nas trevas, d'onde, ao

sopro fecundo do artista, abalam, para a luz doirada d'uma vida nova, borboletas multicôres!

Romances de fantasia opulenta como o *Mandarim* são raros no mundo. Melhores do que a *Reliquia* ninguem os fez.

Alguns capitulos poderemos talvez ainda ver d'essas obras de que Eça de Queiroz falava com interesse carinhoso, que cuidadosamente emendava dia a dia, que devia de ser a sua grande gloria, a que dedicara todo o amor do seu coração, todas as faculdades do espirito, horas e horas de trabalho assiduo no remanso do seu gabinete de Neuilly, entre sua mulher e seus filhos.

Seria decerto grande motivo de jubilo para quantos se interessam pelas letras que esses capitulos já promptos se dessem pelo menos uma idéa do que havia de ser o livro.

O grande escriptor custava-lhe largar das mãos a obra. Frequentemente, paginas e paginas impressas voltavam para a typographia tão cheias de emendas, que, por mais d'uma vez, se tornava preciso compor tudo de novo, de principio ao fim, tão meticuloso era em todo o trabalho, tão escrupuloso no pormenor, tão artista na ultima demão no marmore, e tão honrado, que esta palavra diz tudo.

Não é possivel dar uma idéa do que vale toda a obra de Eça de Queiroz, qualquer que seja o lado por que procuremos encaral-a. Falámos da extraordinaria fantasia do escriptor, mas não menos nos maravilham as suas qualidades de psychologo sem rival no romance portuguez.

Ha nos seus livros personagens apenas com dois traços descriptos e que se gravam na memoria, porque n'esse instante viveram com uma vida propria, d'elles, inconfundivel, com uma alma, boa ou má, que os animou a um sopro apenas do artista criador.

Citamos ao acaso: O marido da tecedeira dos anjos, aquelle homenzinho atarracado e mão, que nos põe um calafrio na espinha e que só apparece em quatro linhas da ultima edição do *Padre Amaro*; o Palma Cavallão, assim chamado para não haver confusões com o Palma Cavallinho, e que alegra meia duzia de paginas nos dois grossos volumes dos *Maias*; o homem do realejo, que tinha o olhar muito triste e que uma tarde melancolica de domingo anda a tocar na rua onde morava a amante do *Primo Bazilio*.

Viveram.

Vivem.

E' o caso. E porque a morte de Eça de Queiroz quer dizer que não mais hão de desabroxar vida, como essas eternas, que nos alegraram ou commoveram na nossa vida, é maior o lucto, mais profunda a magua.

Quando o vimos pela ultima vez e lhe apertámos a mão tão debil, tão descórada, negro presentimento nos comprimiu o coração.

Cerebro e nervos. Parecia que nem uma gota de sangue havia n'aquellas veias. Acompanhámol-o até ao alto da Avenida, descemos outra vez até ao elevador da Gloria. Tres quartos de hora em que nos falou da edade média, de mysticismo, de lendas seductoras, da obra que estava escrevendo. Tanta vida n'um corpo tão franzino...! Era para se lhe dar vida para muito tempo, se não fosse elle esbanjal-a, insufflando-a poderosamente por todas as paginas em que ia correndo a pena febril.

Temos d'elle um excellente retrato, devido ao pincel de Columbano, e que, muito notado na actual exposição de Paris, justamente concorreu para a conquista da medalha d'oiro, com que foi recompensado o nosso glorioso pintor.

Columbano, profundo psychologo tambem, e que, em bem diversa arte, tem emtretanto muitos pontos de contacto com o retratado, fez uma obra maravilhosa, e conseguiu com o seu pincel, copiando feições, descrever mais fielmente todas as grandes e complicadas faculdades do alto espirito que, fugindo nos enlutou, do que hão de fazel-o volumes a escrever, de mais grosso tomo que toda a obra do escriptor.

Sentado fleugmaticamente, no olho encovado o monoculo investigador, a ironia na prega d'um sorriso apenas esboçado, um pedaço de luz na testa larga, quem ali vemos é sem duvida o critico lucido, o demolidor valente, o humorista espirituoso, o poeta originalissimo.

Chamando a attenção para essa obra de Columbano, cumprimos um dever, porque talvez poucos artistas hajam tão evidentemente comprehendido como o insigne pintor, a quem muitos jornaes estrangeiros ha pouco hão tecido os mais rasgados elogios, a alma artistica do homem de letras, que como um espelho, se estampava na insinuante phisionomia. Não é apenas um retrato que fala; é um retrato que diz: sou eu.

Depois... um retrato bom sempre é consolação para os que ficam.

E quantas lagrimas não terá feito chorar a morte do primeiro romancista portuguez, d'esse que foi dos maiores no mundo!

Dei-lhe um titulo de gloria. Que importa isso para os que choram lagrimas, que são sangue da alma, como dizia o Padre Manuel Bernardes?

Se a morte d'Eça de Queiroz foi tão sentida por aquelles que sómente o admiravam, sem com elle terem mais amplas relações que as estabelecidas entre quaesquer leitores e o auctor d'um livro, embora admiravel; se o proprio chefe do estado julgou dever telegraphar ao presidente do conselho, manifestando o seu pesar pelo fallecimento do eminente homem de letras; calcule-se a dôr que n'este momento verga as almas d'uma viuva, de criancinhas muito amadas, d'uma irmã queridissima, dos paes de quem esse filho, unico ainda ha dias sobrevivente a dois irmãos tambem arrebatados pela tisica, era a maior consolação, a gloria de seus dias velhos.

Falei no principio d'esta triste chronica do muito que o nome de Eça de Queiroz era querido e respeitado no Brazil.

Esteve, ha tempos, entre nós, como secretario de legação, um dos mais notaveis poetas brazileiros, Raymundo Corrêa, que votava entranhado e luminoso affecto a toda a obra do romancista portuguez. Tive o prazer, uma noite, de apresental-o em casa da S.ra D. Maria das Dores d'Eça Albuquerque, viuva de Gervasio Lobato, a sua tia Sr.a D. Carolina Teixeira de Queiroz. Naturalmente dei-lhe o titulo que ella mais podia prezar, e, logo, Raymundo Corrêa, curvando-se, disse expontaneamente, indo buscar a exclamação muito ao fundo da sua alma.

A mãe d'Eça de Queiroz! Não póde uma mulher ufanar-se de maior gloria!

Bem me lembra o sorriso que encheu de luz ternissima o rosto d'uma encantada mãe. Que lagrimas de saudade devem agora correr amargamente pelas mesmas pregas, em que o sorriso alegremente se enflorou n'aquella noite!

João da Camara.

CARTAS DA EXPOSIÇÃO

Quando hoje sahi de casa para conversar com meia duzia de portuguezes, que todos os dias encontro á mesma hora, no mesmo cantinho do boulevard, onde costumamos tomar o nosso aperitivo, levava o coração socegado, o pensamento afastado de qualquer idéa luctuosa.

Paris, sobretudo n'este momento, não é moldura propria para tristezas. Todos esses indifferentes que passam, que nos acotovelam, que mal poisam sobre nós, durante um segundo, seus olhares distrahidos, parecem-nos apenas comparsas n'essa representação maravilhosa que os olhos, desde ha muitos dias, nos vai deslumbrando.

Tanto movimento, tanta alegria, tanta musica, tanta fantasia desdobrando-se em tão complicadas architecturas, fantasticas illuminações, decorações d'oiro e sedas a faiscarem, levam com ellas as nossas faculdades conquistadas, a que só um grande esforço de vontade, ou o acordar de chofre para uma realidade, dão novamente seus logares a occupar no nosso espirito.

Uma dolorosa nova de que não sei pormenores, que, aliás, o telegrapho deve em breve participar para Portugal, veio-nos ferir os corações descuidados. A morte de Eça de Queiroz, notabilissimo homem de letras e nosso consul em Paris, onde era muito estimado, veio a todos entristecer-nos. Perdido estava elle, havia muito, todos o sabiamos; mas onde ha vida ha esperança e não é facil acreditar-se na approximação das verdadeiras desgraças.

Eça de Queiroz contava muitos amigos em Paris, para onde viera, transferido de New-Castle em 1888.

Claro está que hoje não falámos n'outro assumpto e que ao escrever muito á pressa estas linhas para o Occidente mal posso accrescental-as com qualquer novidade que diga respeito ás ultimas festas realisadas na exposição.

Os estrangeiros continuam affluindo a Paris. Diz-se, porém, que a exposição foi um grande *fiasco* financeiro e que mal chegaria para salvar os que na empreza se metteram uma concorrencia quasi dobrada.

Continuam os congressos.

Amanhã distribuição de premios.

Uma belleza foi a illuminação no Sena. Uma festa fantastica! Concorreu muito para isso, é verdade, a estreiteza do local. O Sena, ao pé do Tejo, é um riacho. Toda aquella quantidade de barcos disseminada pelo *Mar da Palha*, desde Santa Apolonia até Sacavem, na grande largura, até Alcochete e Barreiro, não faria mais vista do que meia duzia de candeios. Mas, seja como fôr, deixemos considerações e o nosso Tejo em paz para confessarmos que voltámos verdadeiramente maravilhados por um dos mais bellos espectaculos que nos hajam deslumbrado os olhos.

Diz-se que o Shah da Persia foi exactamente da nossa opinião. Não será caso para dizer que estão de accordo as potencias, mas isto sempre lisongeia um homem.

M. C.

PARIS. — 17 de Agosto de 1900.

AS NOSSAS GRAVURAS

OS NOVOS REIS DE ITALIA

Com a morte desgraçada de Humberto I herdou a corôa o filho unico do infeliz monarcha, o qual, sob o nome de Victor Emmanuel III, desde ha dias, preside aos destinos da grande nação italiana.

Depois de haver prestado juramento perante as duas camaras reunidas, foi alvo das mais enthusiasticas acclamações e tão profundamente soube falar ás almas, que o embaixador de Inglaterra declarou que nunca assistira a sessão tão commovedora nem outro discurso da corôa ouvira tão bello.

O povo tambem quiz tomar parte nas ovações. Um grande cortejo foi organisado na praça del Popolo, d'onde com muitas musicas e bandeiras se dirigiu ás dez horas da noite para o Quirinal.

Quando as bandas começaram tocando o hymno real, milhares de pessoas acclamaram os novos reis, que appareceram a uma das janellas do palacio, acompanhados pelas rainhas Margarida, D. Maria Pia e pelos pincipes seus primos.

O enthusiasmo foi enorme. Accenderam-se fogos de bengala com as côres da bandeira italiana, verdes, brancos e vermelhos. As acclamações obrigaram os reis a apparecer mais de uma vez e duraram até á meia noite.

Um crime inutil não prejudicou, antes augmentou, como se vê, a popularidade extraordinaria da casa de Saboia.

Victor Emmanuel III nasceu em Napoles no dia 11 de novembro de 1869.

Dizem-o muito apaixonado pelas coisas militares. Foi sujeitando-se, com o seu regimento, a todas as fadigas e privações, durante dias consecutivos de manobras, que adquiriu as forças phisicas, cuja falta, nos annos de sua infancia, fez recear por sua saude e vida.

Muito instruido e versado em assumptos litterarios, são profundos os seus conhecimentos da lingua latina, com que, ha tempos, espantou os cavalleiros de Malta, na resposta que lhes deu ás suas felicitações.

Os ministros acharam n'elle uma força de vontade muito superior á de que dava indicios, quando simples principe herdeiro. Tem revelado tambem lucido conhecimento de muitas questões das mais importantes.

O seu casamento com Helena Petrovich, princeza do Monte-negro parece ter sido motivado pela rapida paixão que inspiraram a Victor Emmanuel os encantos da que é hoje uma das mais formosas rainhas do mundo.

A rainha Helena nasceu em Cottigue no dia 8 de janeiro de 1873. Casou em 24 de outubro de 1896, tendo antes feito profissão de fé catholica.

A' cerimonia do casamento assistiram a Rainha Sr.a D. Maria Pia e o Sr. Infante D. Affonso.

Os Reis de Italia não teem filhos por emquanto. O successor do throno é o filho do ex-rei de Hespanha, Amadeu, que herdou o titulo de Duque de Aoste e é casado com a princeza Helena de Orleans.

PATRÃO JOAQUIM LOPES

(1.º centenario do nascimento)

Se fosse vivo, teria feito cem annos no dia 18. Justo é que se lhe faça um centenariosinho. Tantos lhe deveram a vida, que não é muito que celebremos em meia dusia de linhas o primeiro dia de sua vida d'elle, tão cheia de dedicações, de

actos heroicos, de commoventissimos romances, de luctas corajosas contra a Morte a cavalgar as ondas terriveis d'essa barra do Tejo por vezes cheia de choleras.

O patrão Joaquim Lopes, que morreu velhissimo em Paço d'Arcos, junto da barra passou quasi toda a sua vida, espreitando o céo, escutando os rumores das ondas, de ouvido sempre attento para qualquer grito de socorro ou signal de alarme.

Muitus medalhas enchiam o peito do commandante do salva vidas. Mas elle não passava d'um marinheiro modesto, na ardua tarefa a que se dedicára educando os filhos, fallando simplesmente, contando heroismos na forma mais singela, como se nada valessem. Uma alma de heroe, um espirito simples; por fóra e por dentro um santissimo velho.

GRUTA DO ARTISTA NO CONVENTO DE PEDRA

E' uma das mais lindas estações de estio esse tão celebrado *Convento de Pedra*, ao pé de Alhama, no velho reino de Aragão. Parece um cantinho de nossa Cintra, pela frescura, pelo sussurrar de muitas fontes, pelas velhas arvores que crescem ao longo das compridas alamedas. *Gruta do Artista* chamam a esse trecho da paizagem, que a nossa gravura representa. Quantos artistas no remanso doce d'aquellas sombras não activariam a inspiração para formosos versos, bellos quadros, misteriosas symphonias, de que a opulenta natureza seria mestra sem rival!

O CYCLISMO

V

A BICYCLETTA PARA SENHORA — TANDEM

Existe numerosos modelos de machinas para senhoras, umas teem um quadro similhante ao das machinas para homem, um pouco mais baixo; outras teem quadro aberto, isto é, o tubo superior do quadro é supprimido e substituido por um outro que vae ao longo do tubo inferior e o reforça.

Estas ultimas machinas, as unicas que permittem á cyclista usar vestido, são mais faceis de montar. Basta, para isto, passar a perna por diante do selim pela abertura do quadro. Mas são de certo, com o mesmo peso menos solidas que as machinas de quadro para homem e não aconselho o seu uso para excursões ou viagem.

A senhora a que ficar bem o calção cyclista, e ha muitas, fará sempre melhor montar uma machina de quadro.

As senhoras preferem, em geral as machinas baixas, porque montam mais facilmente. Muitas julgam que o equilibrio é mais facil em posição baixa; succede exactamente o contrario. Não ha tambem nenhuma razão para pôr, n'uma machina de senhora, o sellim muito baixo e para traz; é querer impôr a obrigação de se agarrar ao guiador na mais pequena subida para não ser repellida para traz pelos pedaes.

Quanto ao guiador d'uma machina de senhora deve ser direito, ou pouco estreito, os punhos á altura do selim, ou melhor um pouco mais acima. Faz-se na America guiadores de madeira mais leves que os de aço, e que, parece, diminuem as vibrações transmittidas ao punho do cyclista. Se esta vantagem é real, o seu emprego está bem indicado n'uma machina de senhora.

Em geral, nas grandes excursões, a sociedade das senhoras é recebida com prazer; mas é preciso que as companheiras tenham força bastante para não servirem de embaraço. Andar 50 kilometros rebocando uma senhora representa devoção que nem todos teem.

O tandem, precioso para os homens pela sua superior velocidade, constitue o meio mais gracioso d'associar uma senhora n'uma excursão cyclista.

Fazem-se tandems de simples e dupla direcção; uns e outros teem partidarios; para acompanhar uma senhora, o tandem de dupla direcção é preferivel, porque permitte ao cyclista ceder á sua companheira, mesmo não exercitada, o logar de diante, onde póde gosar á vontade o panorama. O cyclista, em geral maior e pondo o seu selim mais alto verá por cima da cabeça d'ella. Alem d'isso, quando quizerem parar, o cyclista facilmente se apea e logo que esteja em pé segura a machina e ajuda a senhora a apear-se.

O inconveniente do tandem de dupla direcção é quando os guiadores se contrariam, quando os cyclistas voltam cada um para seu lado; isto póde ser um grande perigo, quando se pretende evitar subitamente um obstaculo.

Evidentemente era melhor que só houvessem tandems de direcção simples e de traz. É notavel que os fabricantes não pensem assim. Estou persuadido que o tandem cuja direcção de diante ou a de traz, podesse ser supprimida, á vontade, encontraria compradores.

VI

A BICYCLETTA E A SAUDE

1 — Effeitos do velo sobre o desenvolvimento do peito

Ha muitas pessoas que ousam sustentar, com audacia filha da ignorancia, que a velocipedia é boa só para desenvolver os membros inferiores, e que o resto do corpo não tira d'ella o menor beneficio.

Os que assim pensam estão de certo embuidos da idéa, cuja falsidade o Dr. Lagrange (de Limoges) demonstrou superiormente, que os exercicios dos braços são os exercicios por excellencia para desenvolver o peito e augmentar a capacidade vital ou respiratoria.

Os exercicios favoraveis ao desenvolvimento do peito são primeiro os exercicios das pernas que os dos braços, porque aquelles augmentam mais a necessidade de respirar, porque provocam como se diz, mais sêde d'ar.

Esta sêde d'ar é provocada pelo trabalho economico mais importante que os musculos das pernas, (graças á sua massa), produzem n'um tempo dado.

Os exercicios das pernas, sollicitando a entrada d'um volume d'ar mais consideravel nos pulmões, amplificam estes orgãos, distendem-nos e estes, por sua vez, dilatam a caixa ossea e musculosa que os contem.

E' pois contenente que é distendido pelo conteudo.

As creanças que correm, que saltam, que dansam a corda ou se entregam a divertimentos do mesmo genero, desenvolvem muito melhor os pulmões e o thorax do que os que executam, com mediocre alegria, movimentos cadenciados d'extensão, flexão e elevação dos braços.

De todas as machinas usadas, até hoje, na pratica dos exercicios corporaes, não ha outra, de certo, que seja mais propria do que a bicycletta para o desenvolvimento do pulmão.

Admittamos, bem entendido, para isso, que o corredor está, sobre a machina, em condições de respiração perfeita.

E' necessario que o esforço ou a velocidade não precipite esta a ponto de a tornar curta, superficial, accelerada, incompleta.

Uma respiração que excede trinta movimentos n'um minuto produz a fadiga e o dorido dos musculos do peito, e torna-se causa d'importante estorvo para o coração.

Ha uma maneira de respirar bem em bicycletta, como ha uma para respirar bem quando se corre e se nada. O ar deve penetrar no pulmão pelas narinas e sahir pela boca: *inspiração nasal, expiração bucal.* E' raro encontrar bons corredores entre aquelles cuja respiração nasal é habitualmente difficil.

Pode-se avaliar as posses d'um corredor, pela capacidade respiratoria; por outras palavras, pela quantidade d'ar que elle pode armazenar nos pulmões.

Para respirar bem é preciso evitar uma posição, sobre o sellim que difficulte a expanção thoracicas. E' preciso tambem, se se caminha com certa rapidez, com vento pela frente, inclinar a cabeça de modo que a pressão d'ar exterior não se oponha á saida do ar inferior e expulsão do acido carbonico. E' preciso evitar tambem — e este conselho é particularmente dirigido ás senhoras, — os fatos que apertem muito a cintura e obstem á ampliação thoracica.

2 — O velo estimulando funcções digestivas

Todo aquelle que faz cyclismo passeando ou viajando, sem abusar da velocidade ou da extensão do caminho, não pode ocultar que este exercicio constitue *um aperitivo* de primeira ordem, e que, mais agradavel e seguramente que todos os pretendidos estomachicos, abre de par em par a porta aos alimentos.

A explicação physiologica é facil: o trabalho das massas musculares postas em acção augmenta o movimento desassimilador e este pela sua parte estimula a necessidade de respiração.

Prohibem-se os exercicios gymnasticos, depois das refeições importantes, para não estorvar a digestão; do mesmo modo se deve apontar os inconvenientes que pode trazer o andar em bicycletta depois de ter comido abundantemente.

Se os musculos alliciam em si o sangue que deve ir para o estomago, no momento em que este orgão lhe pede auxilio para a transformação dos alimentos que lhe foram introduzidos, as funcções d'esta viscera soffrerão, e em grão tanto mais pronunciado quanto menos habitual for o exercicio.

As experiencias demonstram que, em certos animaes obrigados a correr depois das refeições, os alimentos passam-lhes para o intestino muito depressa, isto é sem terem sufficientemente soffrido a acção chylificante do estomago.

Sabemos que, no homem, o estomago é um orgão muito caprichoso, ora muito indulgente, ora muito susceptivel. Cada qual deve saber contar com elle e regular-lhe a hygiene, conforme as suas disposições e caprichos funccionaes.

Quando se viaja, é melhor fazer a principal refeição á tarde do que no meio do dia; tem-se assim o tempo necessario para digerir socegadamente.

3 — A bicycletta na mulher

A velocipedia tem adversarios. Estes são principalmente numerosos em relação á velocipedia feminina. «Comprehendo, dizia alguem cheio de preconceitos, que uma mulher faça equitação, por distracção, ou para a saude, mas que ella ande sobre uma machina que a obriga a trabalhar desgraciosamente com as pernas, é de muito máo gosto..., e ainda ha outras considerações que podem interessar aos medicos...»

A senhora convenientemente vestida, isto é com um fato apropriado ao seu sexo, bem assente sobre o sellim da bicycletta, pedalando com destreza e regularidade, não é menos interessante que a amazona montada no seu rocim e galopando, n'um movimento alternativo de baixo para cima e de cima para baixo.

Quanto ao merito do exercicio do cyclo comparado com o do cavallo, o primeiro é principalmente *activo*, por conseguinte mais hygienico, e, sob o ponto de vista medico, ha mais proveito a tirar do cyclismo do que da equitação.

Finalmente, as considerações sobre os perigos que pode offerecer a velocipedia á mulher teem sido muito atenuados por aquelles mesmos que os tinham primeiramente posto em evidencia. Assim (para citar um entre os mais competentes) o dr. Tinié pronunciara-se pouco partidario da bicycletta para a mulher, baseando-se na penosa repercussão que podia exercer o trabalho de certos musculos sobre os orgãos da bacia; não reconheceu prejuizo algum, mais tarde, pelo que modificou a opinião depois de estudar bem o assumpto.

Diz-se que a bicycletta é tão funesta á saude da mulher como a machina de cozer.

O perigo é illusorio d'ambos os lados, sempre que não exista uma trepidação constante de modo a fatigar o systema nervoso.

Mas o argumento principal a favor do vélo, diz Tinié, está em que com fatiga egual e com affecções genito-urinarias eguaes, provocadas pelo movimento d'um e d'outro apparelho, o trabalho do pedal do vélo faz-se ao *ar livre*, emquanto que o do pedal da machina de coser faz-se em ar represado, n'um quarto ou n'uma officina, onde a ventilação é muitas vezes má. Julgo pois, diz elle, que o mal que pode provir da bicycletta é largamente compensado pelas condições em que os movimentos se realisam.

No excellente manual intitulado: *La Santé par le Tricycle*, o dr. Jeunings refere numerosos testemunhos, de pessoas dignas de fé, a favor do cicysmo para o bello sexo. Estes testemunhos triumpham dos prejuizos e põem de parte opiniões contingentes que teem por base uma idea falsa.

Citaremos a opinião do dr. Lutand, gynecologista muito conhecido: «O cyclismo moderado na mulher favorece a funcção regular do apparelho utero-ovarico.» Nunca Lutand verificou que o cyclismo produzisse qualquer perturbação nas mulheres que o exerciam...; outro tanto não podia dizer da equitação.

Eis a opinião d'um especialista inglez, Albutt: «Tenho por costume aconselhar a velocipedia, dentro de racionaes limites, em muitos casos de fraqueza, pobreza de sangue, nervosismo, más digestões, entorpecimento do figado e em outras doenças funccionaes ainda especiaes ás senhoras».

Termino citando a opinião d'uma doutora:

«O exercicio do cyclo é de grande valor para as senhoras, debaixo do ponto de vista hygienico, principalmente para as senhoras de certa edade, dispostas para a nutrição e que não sentem força, nem saude para emprehender extensas caminhadas.

«As senhoras delicadas e as meninas tiram tambem grande proveito, com a condição de não abusar.

cios de velocidade e as grandes caminhadas. Quando as senhoras derem passeios; quando viajarem, andando dez, doze e mesmo quatorze kilometros por hora, conforme as aptidões adquiridas, descansando, de vez em quando, logo que se sintam fatigadas; quando limitarem a 40 ou 50 kilometros as excursões quotidianas de viajante... tudo irá bem, principalmente se se vestirem com um fato apropriado, que não lhes tolhe a liberdade de

que esta não emprega bastante as forças que lhe dá a sua constituição e mantidas por uma regular alimentação; é porque ella não gasta o que consome.

Ora, o cyclismo contribuirá para a sua actividade natural. Mas é preciso que se pratique progressivamente, sem precipitação, sem produzir fatiga exagerada, de outro modo excitará o systema nervoso em vez de o calmar.

Centenario do nascimento de Joaquim Lopes

O PATRÃO JOAQUIM LOPES

«Quanto ás senhoras que soffrem de doenças especiaes ao seu sexo, devem ouvir, sobre isto, a opinião esclarecida d'um medico ao corrente d'este *sport*.

«E' preciso, quando se aconselha o cyclismo a uma senhora, insistir na moderação, a principio principalmente, attendendo que os effeitos prejudiciaes que podem apparecer nas principiantes proveem geralmente do excesso.

«Os medicos concordam proscrever os exerci- respiração nem os movimentos e não as exponha a resfriamentos quando estiverem suadas.

«Não duvido que venha uma epocha em que todas as mães intelligentes adoptem a velocipedia para as suas filhas, cujo systema nervoso se desequilibre pelas condições sociaes em que vivem».

4 — O cyclismo na mulher nervosa

Just Luxas-Championnière diz que uma das razões que excitam o nervosismo na mulher, é por-

Actuará efficazmente tambem no moral, porque um exercicio muscular que prejudica, que excita, pode modificar o caracter e os habitos das mulheres que soffrem principalmente privação d'exercicios, e insufficiencia de meios inherentes á sua actividade em vigor.

5 — O cyclismo na mulher obesa

O exercicio regular da bicycletta obsta á obesidade.

A GRUTA DO ARTISTA, NO MOSTEIRO DE PEDRA

O CYCLISMO

Nas classes laboriosas a obesidade não se nota. Encontra-se nas mulheres que teem meios e que se esquivam aos trabalhos activos.

Uma das fortes razões da obesidade, é a insufficiencia ou a privação do exercicio muscular junto a uma alimentação muito abundante ou mal dirigida e a habitos hygienicos deploraveis.

O cyclismo combate a obesidade actiando as combustões organicas, mas importa tambem, em certa epocha principalmente quando o corpo tem tendencia a engrossar, observar certas severidades no regimen, tanto em relação a quantidade como á qualidade dos *ingestas*.

Para prevenir a obesidade em vez de combatel-a, um exercicio moderado e regular, combinado com um modo de vida hygienicamente prescripto, pode bastar em geral.

6 — A bicycletta na juventude e na adolescencia

A bicycletta é precioso auxiliar em todas as edades da vida sabendo aproveital-a.

O argumento, tantas vezes levantado, das deformações do esqueleto, na juventude, pela bicycletta, caiu por terra quando Just Lucas Championnière o desfez.

Demonstrou pela experiencia e pelo raciocinio que a bicycletta sendo um exercicio d'equilibrio perfeito desenvolve com certa harmonia toda a musculatura humana, e que os melhores cyclistas são, sob o ponto de vista plastico, homens perfeitos. Sobre isto, não ha objecção possivel.

Não é menos verdade que ha certos temperamentos que se oppõem aos exercicios d'este genero na juventude.

O crescimento produz disposições morbidas nos apparelhos de toda a economia. O coração está sujeito ao que se chama hypertrophia de crescimento. Discute-se muito hoje a natureza d'esta hypertrophia.

Seja o que fôr, é preciso não forçar este orgão a exercicios muito violentos.

O periodo de crescimento dos ossos e das solbaduras osseas não está terminado, d'onde uma predisposição morbida para as osteites, osteomyelites que resultam muitas vezes do excesso.

Os bronchios, o estomago, são muito susceptiveis n'esta edade e devem ser o alvo de continua vigilancia.

O cyclismo moderado é util, mas pode ter perigos no caso contrario.

Deve-se recear muito as consequencias do excesso, pela auto-intoxicação que d'ahi resulta; o excesso envenena o organismo e enfraquece-o; do que provem uma constituição medica particular menos resistente que favorece as infecções.

Em certos individuos, o exagero do exercicio produz a canseira chronica e a neurosthenia, o esgoto nervoso.

Como faz notar o dr. Petit, em seguida a doenças infecciosas, estando os orgãos essenciaes profundamente enfraquecidos, é imprudente entregar-se qualquer a exercicios violentos e fatigar estes orgãos. A doença deixa muitas vezes vestigios profundos, susceptiveis de se curarem no fim de algum tempo, mas que tornam-se irremediaveis quando o exercicio força os orgãos.

7 — A bicycletta nas meninas

Encontramos, actualmente, muitas meninas que teem *nervos* muito antes de terem razões para os ter; de que provem isso?

A's vezes da hereditariedade, outras da educação mal dirigida, da exaltação da sensibilidade por leituras, prazeres, divertimentos inopoitunos e outras vezes, não poucas, da creação aperreada.

O melhor meio a oppôr a esta invasão funesta do influxo nervoso sobre os sentimentos affectivos é fazer *desviar este influxo para os musculos*, que o utilisarão de modo muito favoravel ao estado physico e mental. Tal era a reflexão que fizemos a uma respeitavel senhora que se queixava amargamente dos cuidados que lhe dava sua filha, cuja superxcitabilidade nervosa era verdadeiro supplicio.

Importava fazer comprehender á menina a importancia da actividade physica, provar-lhe que o movimento não dá somente vida aos musculos, mas que é o estimulante das grandes funcções vitaes; que, sem elle, não pode haver — como diz Fonsagrives, vigor, graça, nem belleza!

«Mas não posso passear, me replicou; apenas dou alguns passseios, sinto-me fatigada, abatida e desejo ver-me em casa. O meu corpo, magro como vê, é muito pesado para as minhas pernas.

— Pois, minha filha, dispenso que as pernas lhe levem o corpo, ande em bicycletta, com um bocadinho de animo e de boa vontade, aprenderá depressa, e a breve trecho pelos movimentos dos membros inferiores, que é forçada a executar os musculos hão de se lhe desenvolver, fortificar e adquirir bastante força para poder luctar contra os effeitos desastrosos da sedentariadade.»

Entretanto, como é facil comprehender que uma pessoa fraca e nervosa experimente importantes difficuldades perante um exercicio physico que exige serenidade, sangue frio e certo grão de tensão n'alguns grupos musculares pouco aptos para supportal-a durante muito tempo, era natural, n'estas condições, preparar a menina para a velocipedia por uma medicação que fosse ao mesmo tempo tonica e calmante do systema nervoso, e que lhe tornasse os musculos mais resistentes á fatiga.

Foi o que não tardou por meio de kola e abluções frias, de curta duração, seguidas de fricções estimulantes aromaticas.

Adquiriu depressa a aptidão de pedalar, e, seguida a vontade de passear, e, em poucas semanas, o estado geral da menina experimentou melhora gradual acompanhada da reapparição da tranquilidade no ppparelho nervoso.

8 — Accidentes da bicycletta

Os accidentes da bicycletta observam-se em duas condições: primo em individuos doentes para quem qualquer esforço é causa de perigo; secundo em individuos sãos que abusaram em excesso d'este genero de exercicio.

Os accidentes cardiacos são os mais graves e resultam das corridas muito longas e principalmente muito rapidas.

As intermittencias observam-se a maior parte das vezes nos individuos de certa edade. Podem vir acompanhadas de sensações mais ou menos afflictivas.

Nos *neoropathas*, nos *neurosthenicos*, nos *hystericos*, o coração torna-se muito irritavel; ha palpitações, constricção thoracica, phenomenos de falsa angina de peito.

A dilatação aguda do coração é accidente mais grave e pode resultar ou uma *insufficiencia valvular funccional*, ou uma *asystolia aguda* em individuos que não apresentam anteriormente especie alguma d'affecção cardiaca.

Os *arterio-scelerosos* devem andar em bicycletta com muita prudencia; estes doentes podem ser acommettidos de verdadeiros ataques d'*angina de peito*, cuja consequencia é muitas vezes a morte. O dr. Petit observou muitos casos d'estes. O dr. Rendu viu um ataque d'angina depois da ascensão d'uma encosta contra o vento. Durante quatro ou cinco mezes, o doente apresentou signaes de *dilatação aortica* que só desappareceram abandonando a bicycletta.

O dr. Launois referiu á *Société des hopitaux* o caso d'um doente atacado d'*insufficiencia aortica* em seguida a um excesso de bicycletta. Um rapaz vigoroso percorria frequentemente a distancia: de Paris a Rouen e vice-versa, isto é :60 kilometros em 14 horas. Um dia, sentiu grande palpitação do coração e a partir d'então teve um sopro d'*insufficiencia aortica* de tal modo intenso que o proprio doente percebia e mesmo quem estava proximo. A intensidade d'este sôpro era produzida por uma ruptura valvular.

Sob a influencia da fatiga do coração e do excesso, as affecções cardiacas latentes podem manifestar-se. O dr. Legendre observou raparigas cujo *aperto mitral* se pronunciára por phenomenos muito dolorosos, parecendo anteriormente indemes de qualquer affecção organica.

Finalmente, podem observar-se *palpitações, tachycardia* e *phenomenos de curvatura e de cansaço*.

A curvatura tem pequena importancia. Já não acontece o mesmo com o cansaço e a febre que o acompanha.

Apoz fatigas excessivas, pode se desenvolver um verdadeiro estado typhoide que é o resultado d'uma outra intoxicação pelos productos de dessassimilação e pelas toxinas accumuladas pelo trabalho muscular prolongado nos humores do organismo.

Levy-Simgue, de quem são estes apontamentos, cita egualmente o seguinte caso de Mathieu: Um rapaz de 20 annos teve accidentes febris depois d'uma corrida de 24 horas no velodromo. Os accidentes manifestaram-se de noute; houve hemoptyse abundante e palpitações dolorosas. A temperatura subiu a 40° e permaneceu durante quatro dias acima de 39°; para descer bruscamente á temp. normal. Houve *albuminuria, cephalea*, vertigem, phenomenos typhoides com manchas roseas lenticulares; a *albuminuria* augmentava com a repetição do exercicio; é provavel que fosse o resultado d'escarlatina antiga.

Entretanto, é certo que a *albumina* pode apparecer em individuos anteriormente sãos.

O dr. Muller observou, a proposito d'isto, doze individuos de boa saude, entre elles sete não tinham albumina antes da corrida. Depois d'esta notou albumina em seis e o sedimento da urina continha enormes quantidades de cylindros urinarios. Pelo repouso tudo desapparecia.

O exercicio, mesmo moderado, da bicycletta, pode dar albumina com presença de cylindros. Esta albuminuria, devida a fatiga, desapparece pelo repouso, mas não ha certeza de não poder occasionar nephrite.

Ao contrario de Muller, o dr. Guillomet nunca encontrou albumina nos individuos que observou, até mesmo depois de andarem 700 kilometros.

Tem-se observado tambem *congestão do figado* depois de corridas prolongadas.

Os *orgãos genitaes* podem ser prejudicados pelo abuso da bicycletta, principalmente se teem alguma affecção inflammatoria, gonorrhea, epididymites antigas mal curadas, hydrocele, etc.

N'um artigo publicado nos *Annales des maladies des voies genito-urinaires*, o dr. de Pezzer descreveu as lesões das partes molles que são comprimidas pelo selim. Não me refiro á especie de contursão, que desapparece, feita pelo uso do selim. Refiro-me aos seguintes phenomenos: compressão dos grandes labios e da uretra na mulher, o que produz frequente vontade d'urinar; compressão das veias hemorrhoidarias o que produz hemorrhoidas.

Alguns, ao contrario, affirmam ter curado as hemorrhoidas com o uso da bicycleta, e a razão está na massagem continua exercida pelo selim sobre o rebordo hemorrhoidal.

Outros queixam-se d'erecções peniveis, de congestão prostatica a ponto de haver retenção d'urina.

A insensibilidade das partes genitaes e do perineo pode provir ás vezes das compressões nervosas.

Certas affecções urinarias podem aggravar-se ou complicar-se. Cystites, abcessos podem apparecer em seguida a exercicios longos e violentos em doentes atacados de blenorrhagia. Feridas e rupturas da urethra podem ser occasionadas depois de quedas sobre o selim, ficando-se escarranchado.

Nas senhoras, sobrevem hematomas vulares, casos de nephroptose em seguida a bruscos resaltos da machina, congestões do utero e annexos.

Tem-se accusado a bicycletta de produzir o onanismo na mulher. Esta opinião é muito contestavel, porque sendo o *sport* velocipedico uma diversão que distrahe e fatiga, deve dar logar antes á opposição contra esta pratica.

Outras doenças se tem attribuido á bicycletta. Segundo certos auctores, o seu uso produz *arthrites*, em particular a arthrite medio-tarsica, hydarthros chronicas, inflammações epiphysarias nos individuos novos cujo systema osseo está em via de desenvolvimento, *congestões cerebraes* nas pessoas predispostas, etc, etc, sem contar fracturas dos membros, luxações resultantes de quedas e accidentes que podem ser o effeito do *sport* velocipedico.

(Continúa).

O REI DAS SERRAS

POR

Edmond About

IV

HADGI-STAVROS

— Minha senhora, disse o Rei a M.me Simons parece estar zangada. Tem queixas a fazer-me dos homens que para aqui a trouxeram?

— Um horror! disse ella. Esses patifes prenderam-me, atiraram-me ao chão, roubaram-me, extenuaram-me e deixaram-me morrer de fome.

— Queira desculpar. Vejo me obrigado a empregar homens mal educados. Não foi com consentimento meu que tal praticaram. E' ingleza?

— E de Londres!

— Já lá estive. Conheço e admiro os inglezes. Sei que gosam de excellente apetite e por isso já lhes offereci estes refrescos. Sei tambem que as pessoas d'essa nação só trazem em viagem o que strictamente lhes é necessario; nunca perdoarei ao Sophocles ter-lhes tirado tudo, muito menos se a sr.ª é de boa condição.

— Pertenço á melhor sociedade de Londres.

— Queira tomar conta do dinheiro que lhe pertencia E' rica?

— Está claro.

— Este saquinho não era seu?
— E' de minha filha.
— Queira tomar conta tambem do que é da sr.ª sua filha. E' então riquissima!
— Sim, sr.
— Estes objectos não são do sr. seu filho?
— Este sr. não é meu filho, é um allemão. Sendo eu ingleza não era natural ter um filho allemão.
— E' justo. Tem portanto a sr.ª os seus vinte mil francos de renda.
— Muito mais.
— Um tapete para estas sr.as! Tem então para cima de trinta mil francos?
— Muito para cima.
— Este Sophocles é um traste a que hei de dar uma lição. Logothetes, manda já preparar o jantar d'estas sr.as Será possivel, minha sr.ª que seja millionaria?
— Está claro que o sou.
— Mas que pena terem-a tratado assim! Conhece provavelmente muito boa gente em Athenas!
— Conheço o ministro de Inglaterra e se alguem se atrevesse ..
— O' minha sr.ª! E conhece tambem negociantes, banqueiros...
— Meu irmão, que está em Athenas, conhece lá muitos banqueiros.
— Não imagina quanto me sinto feliz!... Chega-te aqui, Sophocles, e pede perdão a estas senhoras.
O Sophocles rosnou umas desculpas.
O Rei continuou:
— Estas sr.as são umas inglezas muito distinctas, com uma riqueza de mais d'um milhão, são recebidas na embaixada de Inglaterra e o irmão, que está em Athenas, conhece todos os banqueiros da cidade.
— Ora ahi está! exclamou M.ess Simons.
O Rei continuou:
— Deverias ter tratado estas sr.as com toda a consideração.
— Muito bem, disse M.ess Simons.
— Trazel-as até aqui com toda a cautela.
— Para quê? murmurou Mary-Ann.
— E nem sequer lhe tocar no que era d'ellas. Quando a gente tem a honra de encontrar na serra senhoras como estas, cumprimenta-as respeitosamente, tral-as até ao campo com todas as ceremonias, guarda-as com toda a circumspecção e offerece-lhes delicadamente tudo quanto fôr necessario, até que o irmão ou o embaixador nos envie um resgate de cem mil francos.
Pobre M.ess Simons! Querida Mary-Ann! Estavam muito longe de calcular uma conclusão d'aquellas!
Mas eu, que sabia a que patife falava, disse-lhe logo:
— O que os teus homens me roubaram, podes guardal-o; de mim não vês mais nada. Sou pobre, meu pae não tem nada, meus irmãos comem muita vez pão secco, não conheço banqueiros nem embaixadores e, se me vais sustentar esperando resgate, já te digo que tens que esperar.
Levantou-se na assembleia um murmurio de incredulidade, e só o rei pareceu querer-me acreditar.
— Se assim fôr, não ficarás comigo contra tua vontade. Vai te. Esta senhora dar-te-ha uma carta para seu irmão e hoje mesmo te darei liberdade. Entretanto, se quizeres por ahi ficar um dia ou dois, tens a serra ás tuas ordens. Supponho que não vieste até cá, carregado com essa caixa, para observares as vistas.
Este pequenino discurso aliviou-me. Lancei em volta de mim um olhar cheio de satisfação. Tudo me pareceu muito menos terrivel. Não me pareceu máo passar na serra uns dois ou tres dias.
Calculava que os meus conselhos não seriam de todo inuteis á mãe de Mary Ann. A pobre senhora estava n'um tal estado de excitação que poderia perdel-a. Era capaz de não querer pagar o resgate. Antes que a Inglaterra a soccorresse, seria muito capaz de atrahir qualquer desgraça sobre uma cabeça encantadora.
E d'ahi, havia ainda a minha paixão pela botanica. A flora do Parnes é tentadora em fins de abril. Ha por aquellas serras cinco ou seis plantas tão raras quanto celebres. Uma sobretudo: a *boryana variabilis*, descoberta e baptisada pelo sr. Bory de Saint-Vincent. Como consentir uma tal lacuna no meu herbario e apresentar-me no museu de Hamburgo sem a *boryana variabilis*?
Respondi portanto:
— Acceito a tua hospitalidade, mas com uma condição.
— Qual?
— Has de dar-me a caixa.
— Seja, mas com uma condição tambem.
— Dirás.
— Has de dizer-me para que te serve.
— Lá por isso!... Serve-me para guardar as plantas que apanho.
— E para que as queres tu? E' para as vender?
— Ora essa! Eu não sou negociante, sou um sabio.
O Rei estendeu-me a mão, satisfeitissimo.
— Bravo! A sciencia é uma coisa bella! Os nossos avós eram sabios, os nossos netos talvez o venham a ser. Nós é que não tivemos tempo para isso. E lá na tua terra fazem muito caso dos sabios?
— Muito!
— Dão-lhes bons logares, hein?
— A's vezes.
— E pagam-lhes bem?
— Assim, assim.
— Põem-lhes ás vezes umas fitinhas nos casacos?
— De tempos a tempos.
— Ha questões entre cidades, porque todos as querem?
— Na Allemanha acontece.
— A morte d'elles é uma calamidade publica?
— Com certeza.
— Ora muito estimo! Não tens portanto razões de queixa contra os teus patricios.
— Pelo contrario! A franqueza d'elles é que me permitte viajar pela Grecia.
— São elles que pagam.
— Desde ha seis mezes.
— E's então muito instruido.
— Sou doutor.
— E ha posto mais alto na sciencia?
— Nenhum!
— E quantos doutores ha por lá na tua terra?
— Não ha com certeza tantos como generaes em Athenas.
— Bem! bem! Não roubarei á Allemanha um homem tão extraordinario. Que diriam por lá, se soubessem que estás prisioneiro n'esta serra?
— Diriam que era uma desgraça.
— Ora pois! Para salvar um homem assim não será demais um sacrificiosinho de quinze mil francos. Pega da tua caixa e vai, continua nos teus estudos! Feliz mancebo! Vê lá quanto um titulo de doutor te augmenta o valor possoal! Se fosses um estupido deixava-te ir embora sem um centesimo de resgate.
O Rei não quiz ouvir nem as minhas objecções nem as interjeições de M.ess Simons. Levantou a sessão e apontou-nos com o dedo para a nossa casa de jantar. M.ess Simons declarou que estava prompta a comer o jantar, mas que nunca pagaria a conta.
Mary-Ann parecia muito abatida, mas, em plena mocidade como estava, não poude deixar de soltar um grito de enthusiasmo, vendo em que lindo logar nos haviam posto a mesa.
Era um cantinho de verdura encaixado entre os rochedos escuros. Uma erva fina e apertada formava tapete; como tapeçarias eram alfeneiros e loureiros. Sobre nós estendia-se a magnifica abobada toda azul. Dois abutres, que pairavam lá muito em cima, pareciam ter sido ali postos de proposito para encanto dos olhos. A um canto da sala, uma fonte limpida como um diamante enchia silenciosamente a taça rustica e, trasbordando, deslisava como toalha de prata pelo declive do monte. Estirava-se d'esse lado a vista até o infinito para o lado do frontão do Pentelico, do grande palacio branco, que domina Athenas, dos olivaes sombrios, da planicie poeirenta, do dorso pardo do Hymeto que lembra as costas recurvadas d'um velho, e d'aquelle admiravel golfo Saronico, tão azul que parecia um pedaço recortado do céo.
A simplicidade com que fôra posta a mesa era verdadeiramente heroica: um pão negro, leite coalhado, grandes azeitonas. Um odre pelludo arredondava o ventre ao pé d'uma caneca de cobre ingenuamente cinzelada. Um queijo de ovelha embrulhado n'um guardanapo conservava a forma de como fora n'elle apertado. Cinco ou seis alfaces offereciam-nos uma boa salada, mas sem tempero.
O Rei puzera ao nosso dispor o seu faqueiro de campo, umas colheres de páo feitas á navalha. Para maior luxo tinhamos os garfos dos nossos cinco dedos.
Não haviam levado a tolerancia até ao ponto de nos offerecer carne; mas um bello tabaco doirado promettia-me uma excellente digestão.
Um official do Rei foi encarregado de nos servir e de ouvir o que dissessemos. Era o medonho Corfiote, que sabia inglez.
M.ess Simons, sem perder dentada, dirigiu-lhe algumas perguntas altivas.
— O seu patrão julgará que lhe vamos pagar a serio um resgate de cem mil fraucos?
— Sim, minha senhora.
— Não conhece os inglezes.
— Conhece. E eu tambem. Dei-me em Corfu com alguns muitos distinctos: juizes.
— Parabens. Pois esse Stavros tem que puxar pela paciencia.
— Encarregou-me de lhes dizer que só espera até ao meio dia em ponto de 15 de maio.
— E se não?
— Terá muita pena, mas corta-lhes os pescoços á senhora e a esta menina.
Mary-Ann deixou cair o boccado que levava á bocca.
— Dê-me uma gota de vinho, disse-me.
Mas apenas molhou os beiços, deu um grito de repugnancia e de susto. A pobre menina julgou que o vinho estava envenenado. Tranquillisei-a bebendo o copo d'um trago.
— Não tenha medo, disse-lhe. E pez.
— Pez!
— E' assim que o vinho se conserva nos odres. Não diremos que o torne mais agradavel, mas, ainda assim, bebe-se.
Apesar d'isso, Mary-Ann e a mãe antes quizeram beber agua. O bandoleiro correu para a fonte e voltou em tres pernadas.
— Bem devem perceber, dissse sorrindo, que o Rei não ia envenenar pessoas de tanta estimação como as senhoras.
Voltou se depois para mim.
— Senhor doutor, tenho a communicar-lhe que dispõe de trinta dias para terminar seus estudos e pagar o que lhe foi prescripto. Vou-lhes a todos fornecer o que fôr necessario para escreverem.
— Muito obrigada, disse M.ess Simons. D'aqui a oito dias pensaremos n'isso, se não estivermos livres.
— E quem os ha de livrar?
— A Inglaterra.
— Está longe.
— A policia.
— Desejo-lhes essa ventura. E não querem mais nada de mim?
— Quero um quarto de cama.
— Mando buscar aos pastores lá debaixo duas barracas e armam-se aqui até que chegue a policia.
— Quero uma criada de quarto.
— Tambem é facil. Agarra-se a primeira mulher que passar... se a policia não se oppuzer.
— Quero fato, roupa branca, talheres, sabonete, um espelho, pentes, frascos de cheiro...
— Isso já é muito. Teriamos que mandar a Athenas... Conte comigo e pouco com a policia.
— Deus se compadeça de nós! disse Mary-Ann.
Um echo vigoroso respondeu *Kirie Eleison*! Era o *santo velho*, que nos vinha visitar. Cumprimentou nos cordealmente, poz sobre a erva um vaso cheio de mel e sentou-se ao nosso lado.
— Tomem e comam, disse-nos. As minhas abelhas offerecem-lhes a sobremesa.
Apertei-lhe a mão. M.ess Simous e a filha voltaram a cara, enjoadas. Julgavam-o um cumplice dos ladrões. Pobre homem! Era seu proceder innocente como o d'uma machina bem montada. Toda sua sabedoria consistia em comer quatro vezes por dia e conservar-se prudentemente entre dois vinhos, como o peixe entre duas aguas. Era até um dos melhores frades d'aquella ordem.
Fiz honra ao presente que elle nos trouxe. Dir-se-hia que as abelhas haviam destillado em invisivel alambique todos os aromas d'aquellas serras.
Por seu turno o frade pediu-nos licença para se refrescar, pegou na caneca, encheu-a e esvasiou-a. Foi bebendo á saude de nós todos.
Cinco ou seis bandoleiros, atrahidos pela curiosidade, entraram na sala. O frade, por espirito de justiça, foi bebendo á saude de cada um.
Na ausencia do Rei, que estava dormindo a sesta, os patifes vinham, um por um, cultivar o nosso conhecimento. Os mais dados pediam-me para que lhes contasse a minha historia; os mais timidos ficavam-se atraz dos companheiros, que vinham empurrando para cima de nós.
E as pulgas subiam sempre e a presença dos primitivos patrões tornavam-as tão atrevidas, que cheguei a apanhar na mão umas tres ou quatro. Eu já não era homem, era um baldio! M.ess Simons e a filha eram muito discretas e por isso não me confiavam as suas impressões, mas provavam-me com certos sobresaltos que as nossas ideias eram communs. Surprehendi até um olhar que trocavam n'um desespero e que dizia claramente: a policia livra-nos dos salteadores, mas quem nos ha de livrar das pulgas?
Acordou em meu coração um sentimento cavalheiresco. Que eu soffresse, paciencia, mas ver

soffrer Mary-Ann era superior ás minhas forças. Ergui-me e disse resolutamente aos importunos:

— Fóra d'aqui! O Rei deu-nos esta morada para aqui vivermos socegados, até que paguemos nosso resgate. A renda não é tão barata que não tenhamos o direito de aqui estar sós. Que teem aqui que cheirar? Teem medo que a gente fuja? Por onde? Pela cascata? Pelo gabinete do Rei?... Ala! Corfiote, põe-me essa gente na rua, e, se queres uma ajuda, eu t'a dou.

Foi dito e feito. Empurrei os mais indolentes, acordei os dorminhocos, sacudi o frade, e d'ali a um instante toda a malta com suas pistolas e punhaes deixou-nos, com uma docilidade de cordeiros, o campo livre.

Estavamos sós com o Corfiote. Virei-me para M.^{ess} Simons e disse-lhe:

— Estamos em nossa casa. Quer que dividamos o quarto em dois? Basta-me um cantinho para armar a minha barraca. Detraz d'aquellas arvores me acomodarei e cedo-lhes o resto.

Os meus offerecimentos não foram bem acolhidos. O que ellas, parece, queriam era ficar com tudo e que eu fosse dormir com os salteadores e com as pulgas.

O Corfiote applaudiu a combinação, que lhe facilitava a vigilancia. Ficaria dormindo junto da minha barraca. Apenas exigi entre nós uma distancia de seis pés inglezes.

(Continua).

SCIENCIA MODERNA

X

APROVEITAMENTO DE RESIDUOS

Se é consideravel a quantidade de carvão que diariamente se consome nas grandes fabricas industriaes, não é, sem duvida, tambem insignificante a porção de pequenas particulas de carvão que se perdem na atmosphera arrastadas pelos gazes da combustão, as quaes todas reunidas, ainda poderiam fornecer uma quantidade muito apreciavel de combustivel para a alimentação de caldeiras.

Aproveitar essas particulas seria realmente um facto de que resultaria uma immediata economia.

Parece resolvido este grande problema, que representa, sem duvida, um grande passo no caminhar da sciencia moderna, tendo-nos sido dada a sua solução pelo illustre engenheiro francez Mr. Delamare Deboulteville.

Este processo consiste em aproveitar a massa gazosa que se expande na atmosphera expellida pelas chaminés das fabricas e constituida por residuos de carvão, libertando-a de todas as impurezas que n'ella possam existir.

E' esta massa gazosa que em seguida novamente fornecerá o calor nos mesmos fornos.

Ha, por conseguinte, como se vê, uma economia grande.

E' calculado em 820 calorias, o poder de um kilogramma da mistura ou seja 1:060 calorias por metro cubico.

Podemos suppôr q[illegible] 5:000 kilos da materia gazosa, ou sejam 4:000 de materia utilisavel produzem uma tonelada de ferro fundido, n'um alto forno.

O mesmo naturalmente succederá em qualquer outra fabricação, desde que se utilize um processo analogo.

Eis uma noticia que decerto hade agradar aos que exploram a industria metallurgica.

Antonio A. O. Machado.

NECROLOGIA

LAGARTIJO

Trata-se d'um hespanhol, d'um toureiro dos mais conhecidos, dos que maiores enthusiasmos produziram nas praças da Peninsula, tendo a palavra um hespanhol para uma bella hespanholada.

Copiamos d'um jornal: «El que ha escuchado la mágica palabra de Castellar, el que ha oido cantar á Gayarre, declamar a Calvo, leer a Zorrilla y ha visto torear á Lagartijo, puede decir sin ninguna classe de reservas que no le queda nada por admirar.»

Só tivemos o gosto de ouvir Gayarre e de ver Rafael Molina e lembra-nos que todos comnosco de pé applaudiam com delirio, acenavam com os lenços, gritavam bravo! com enthusiasmo.

Rafael Molina, *Lagartijo*, veiu muitas vezes a Lisboa tourear na velha praça do Campo de Sant'Anna. Era com *Carmona*, *Frascuelo*, dos mais queridos do publico.

LAGARTIJO
FALLECIDO EM 26 DE JULHO DE 1900

Diziam os entendedores que *Lagartijo* pela sua sobriedade a todos sobrelevava na arte classica.

Retirado da arena ha bastantes annos, cortada a coleta, Rafael Molina todo se entregára á vida de lavrador, passando os dias na sua fazenda proximo de Córdova.

Era homem de fino espirito. D'elle se contam muitas anedoctas de fina graça, genuinamente hespanhola.

Muito devoto de Nossa Senhora e muito amigo dos pobres, morreu christãmente, chorado por quantos o conheceram e por aquelles a quem valeu em muitas desgraças.

Recebemos e agradecemos:

O Syndicato Agricola, *por D. Luiz de Castro. — Separata do Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza. Lisboa, 1900.*

Todas as publicações que digam respeito á agricultura teem para o nosso paiz excepcional importancia, porque é da agricultura que, segundo indiscutiveis auctoridades no assumpto, tudo devemos esperar; e esse interesse sobe de ponto quando qualquer escripto sobre a especialidade apparece firmado por um nome cuja competencia está de ha muito provada e demonstrada, como o de D. Luiz de Castro, escriptor de reconhecido merito e notaveis aptidões, e cuja lista de trabalhos é já valiosa.

Mesmo para os que não teem interesses directamente ligados a questões agricolas é curiosa e util a leitura do presente opusculo.

Mazzolino di Poesie Portoghesi e Sivigliane, *tradotte in italiano — Prospero Peragallo — Genova, 1900.*

Innegavelmente o nosso venerando amigo rev. Prospero Peragallo presta um bello serviço ás letras portuguezas, e em especial aos nossos poetas de maior nomeada, tornando conhecidos trechos das melhores producções, que traslada para a sua formosa lingua por forma que muito o honra e attesta a sua grande competencia e estudo, procurando conservar na versão, com uma notavel fidelidade, todas as bellezas do original.

No presente volume e na parte que diz respeito a Portugal, encontram-se além de seis sonetos de Camões, versos de Almeida Garrett, Soares de Passos, Anthero do Quental, João Penha, Joaquim de Araujo, e outros.

Acha-se tambem honrosamente representada a poesia sevilhana.

A edição é primorosissima.

Ville de Lisbonne — *Mémoire descriptif de quelques produits envoyés par l'abattoir Municipal de Lisbonne à l'Exposition Universelle de Paris.* 1900.

Mémoire descriptif du Parc de La Liberté. — Lisboa, 1900.

Mémoire descriptif des égouts en éxecution à Lisbonne. — Lisboa, 1900

Estes folhetos formam tres memorias em francez que a camara municipal de Lisboa fez imprimir com destino á exposição de Paris, afim de elucidar os visitantes que demorassem a sua attenção sobre os productos enviados pelo matadouro, as plantas e desenhos do parque da Avenida da Liberdade, e rêde dos exgotos da cidade; tomando assim um conhecimento mais minucioso d'essas obras deveras importantes e que são em tudo dignas da nossa capital. Oxalá se completem como tanto se deseja.

O Instituto — *revista scientifica e litteraria — Coimbra — Imprensa da Universidade — 1900.*

Está no seu volume 47 este selecto boletim da conceituada aggremiacão litteraria e scientifica de Coimbra, que se honra de contar no numero dos seus membros os conspicuos escriptores e homens de sciencia do nosso paiz.

Eis o summario do ultimo numero recebido: *Contributi alla storia delle provincie occidentale dell'imperio romano* por Francesco P. Garofalo; *Escola Maria Pia* por Antonio Manuel da Cunha Bellem; *Cranios portuguezes* (III) por Antonio Aurelio da Costa Ferreira; *O angulo biorbitario dos cranios portuguezes* por Agostinho Viegas da Cunha Lucas; *Rimas* por Manuel da Silva Gayo; *Historia da litteratura portugueza* por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, traducção de Alfonso Hincker; *Ahasvero* (poesia) por Corrêa Barata; *Estudos sobre Damião de Goes* por Sousa Viterbo; *Livro das obediencias dos geraes*, etc.

Lições praticas da lingua portugueza (*Diario de Caturra Junior.*) *Vol. I (1890-1891) 3.ª edição. Vol. III (1897-1898) — Candido de Figueiredo — Livraria Ferreira, editor, Lisboa, 1900.*

O maior elogio que se poderia fazer á obra do illustre escriptor, se elle necessitasse de elogios, seria o dizer-se que o primeiro volume das suas *Lições praticas* se exgotou pouco tampo depois de apparecer, e que a segunda edição desappareceu igualmente n'um curto periodo, o que demonstra á evidencia a incontestavel utilidade de semelhante trabalho, utilidade confirmada pela acceitação dos homens entendidos em questões de linguagem, tanto nacionaes como extrangeiros, sobresahindo, entre estes ultimos, philologos de reputação universalmente formada como Hugo Schuchardt, Meyer-Lubke, o continuador da obra do immortal Dize, etc.

A terceira edição d'esse volume que actualmente apparece, juntamente com o terceiro, vem ampliada com grande numero de textos dos mestres da lingua, justificando a doutrina da obra.

As *Lições praticas* devem figurar indispensavelmente em todas as bibliothecas, e desnecessario é encarecer os serviços que podem prestar.